A imagem no *espelho estilhaçado*[*]: a construção da identidade regional da América latina. Enfoques múltiplos

Juliana Sonaglio[**]

Resumo: Ao desvendar os dilemas latino-americanos, pesquisadores deparam-se diante de alusões à América Latina – "Novo Mundo, "Terceiro Mundo", "países periféricos", etc. –, sendo essas difundidas em produções bibliográficas que as veiculam sob diferentes enfoques, entre eles, o histórico, filosófico, sociológico e o econômico. Sendo assim, o objetivo aqui é assinalar que por meio dessa multiplicidade de enfoques é possível averiguarmos que essas denotações não só se constituem como demarcações baseadas em critérios classificatórios[1], como se tratam de reafirmações identitárias que conduzidas sob o fenômeno da diferenciação[2] detêm o poder de conferir à América Latina traços submissos. Além de sugerirem sobre o que é "desenvolvido" e o "primitivo", essas reafirmações identitárias, em seu significado mais ínfimo, evocam uma História latino-americana marcada pela dominação, subalternidade e a condição servil e, para tanto, se esforçam para se convergirem a um referencial – a "região América Latina". Esse esforço tanto se consubstancia em processos discursivos e simbólicos difundidos por agentes de diferentes campos da ciência, como nos sugerem a identidade regional da América Latina que tem como plano de fundo um panorama de inferioridade e atraso.

Palavras-chave: América Latina- dependência; identidade; região; ciência econômica.

[*] Com essa expressão proponho referenciar que a imagem de um espelho estilhaçado representa uma realidade fragmentada cuja complexidade reivindica compreendê-la em seus diversos ângulos.

[**] **JULIANA SONAGLIO** é Mestranda do curso de pós-graduação interdisciplinar em *Sociedade, Cultura e Fronteiras* (UNIOESTE- PR.). Membro do Grupo de Pesquisa *Estado, Sociedade, Trabalho e Educação* (GPESTE), coordenado pelo Profº Dr. Geraldo Augusto Pinto.

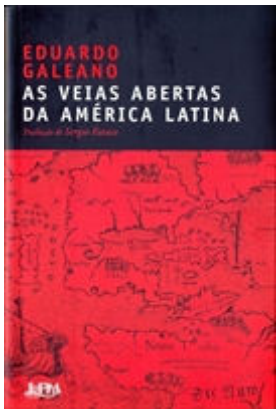
[1] Essa pesquisa não se detém no estudo dos fundamentos metodológicos de tais critérios.

[2] Para Silva (2004, p.81), "a diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas". Entre os processos que traduzem a diferenciação, se pode destacar a demarcação de fronteiras como "nós" e "eles", "desenvolvidos" e "primitivos".

1. Os indícios da subalternidade: a América Latina nos olhares histórico, filosófico e sociológico

1.1 O homem, a terra, a servidão

A exemplo dos relatos de intelectuais e viajantes europeus, a expressão "Novo Mundo" é usualmente empregada para designar a América Latina enquanto espaço privilegiado da natureza. Segundo Marianne Mahn-Lot (1984), os navegadores em suas narrativas se mostraram seduzidos e demasiadamente sensíveis diante da beleza das paisagens ocupadas pela inocência do homem primitivo vivendo em estado natural. Como menciona essa historiadora e especialista em América espanhola, o contato com o Novo Mundo causou entre os europeus a inquietude espiritual em face de uma natureza e humanidade aparentemente novas.

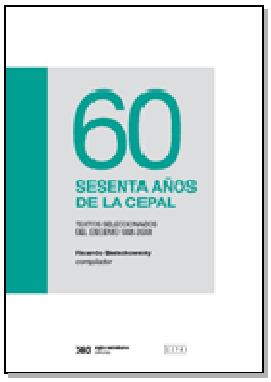


Mais adiante, esse fascínio pelos indígenas cederá lugar à brutalização da sua existência. De acordo com Prado (1987, p.10) "as condições de vida dos índios eram miseráveis, sofriam discriminações de toda natureza e recebiam um tratamento humilhante". Pode-se dizer que a servidão do Novo Mundo já se anunciava através da figura do indígena, do homem primitivo latino-americano, do homem natural contemplado por Rousseau (2004, p.11) "que é a unidade numérica, o reino absoluto, que só se relaciona consigo mesmo ou com seu semelhante".

Na sua obra *As veias abertas da América latina* (2010), o jornalista e escritor uruguaio Eduardo Galeano enfatiza que não somente o elemento humano se tornaria submisso: "tudo: a terra, seus frutos, e suas profundezas ricas em minerais (…) os recursos naturais" (GALEANO, 2010, p.18). Embora Rousseau (2004, p.43) já apontava que "os homens não são feitos para serem amontoados em formigueiros, mas para se espalharem pela terra que devem cultivar", a história se encarregaria em mostrar que o domínio do homem sobre a terra desencadearia o triunfo, para alguns, e a servidão, para outros. Como profetiza Tulio H. Donghi (s/d), a história da América Latina, embora seja problemática pela variedade das realidades latino-americanas, não deve ignorar as servidões impostas pela realidade não fugindo da tarefa de acompanhar o seu tormentoso progredir elucidando seus cruéis dilemas.

Nessa perspectiva, a história pode transpor fronteiras. Nas palavras de Magnoli (1997) as fronteiras não se emanam da natureza por não estarem isentas de condicionamento histórico, e a região, sendo a extensão da fronteira, também não está livre desse condicionamento. Desse modo, se a história deve elucidar dilemas, ela evidencia que a dominação da América Latina pelos europeus e norte-americanos representa esses embaraços, sendo essa dominação o marco da transcendência dos limites do desconhecido enraizados nas fronteiras e a descoberta das suas possibilidades. Se para Rousseau (2004), os ricos habitam uma terra

ingrata e os pobres a região fértil, para Galeano (2010, p.18) a fronteira latino-americana é a terra que alimenta a riqueza dos que habitam o território ingrato, uma "sub-América, uma América de segunda classe, de nebulosa identidade". Essas classificações de Galeano não ignoram os "condicionamentos históricos", as "cicatrizes históricas" mencionadas por Magnoli (1997).



Na busca de compreender o modelo de capitalismo que prepondera na América Latina, o sociólogo Florestan Fernandes em seu clássico *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina* (2009) se remete as "nações latino-americanas" como produtos da expansão ocidental. Em Florestan Fernandes (2009), a "nação" é o corpo onde se materializa o modelo econômico, político e cultural que vem se incorporando na América Latina desde a colonização, pela hegemonia de países ricos europeus, e se estendendo com o imperialismo norte-americano. Por sua vez, o filósofo húngaro István Mészáros[3] se refere às nações latino-americanas como os "países subdesenvolvidos", o "Terceiro Mundo" que se destaca pela incapacidade de modernizar, de colonizar, de explorar sistematicamente os países avançados (MÉSZÁROS, 2002). Para esse autor, o que prevalece na "América subdesenvolvida" é o arcaico, o desenvolvimento anacrônico, enquanto que os países ricos são as "capitais metropolitanas" que empreendem uma incessante busca pela lucratividade. Tanto Eduardo Galeano (2010), como Florestan Fernandes (2009) e István Mészáros (2002) atribuem à América Latina uma identidade submissa, tendo como fundamento a sua condição servil, a sua existência enquanto fonte de drenagem de riquezas para o capitalismo que se prepondera na atualidade.

2. O binômio "centro-periferia": o enfoque econômico

2.1 Entre o método analítico cepalino e a geografia econômica: o enquadramento da América Latina.

Em seus *Sesenta años de la CEPAL*,[4] o economista cepalino Ricardo Bielschowsky (2010, p.20) faz uma síntese do pensamento da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) mencionando o conceito "centro-periferia" dedicado ao exame das especificidades "de inserción internacional de los países de América Latina y el Caribe, en su carácter de periféricos, examinadas en contraposición con las

[3] MÉSZÁROS, I. **Para além do capital.** Em direção a uma teoria da transição. Tradução de Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo, 2002.

[4] BIELSCHOWSKY, R. (comp.). **Sesenta años de la CEPAL:** textos seleccionados del decenio 1998-2008. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2010.

características de las economías centrales". A condição de "periférico" se refere ao atraso das estruturas produtivas (tecnologia, recursos humanos, etc.) "que caracterizan el subdesarrollo de los países latinoamericanos" (BIELSCHOWSKY, 2010, p.21). Já a condição de "centro" é o pólo oposto onde se localizam setores industriais com a mais avançada tecnologia, que culmina para o aumento da produtividade em todos os setores dessas economias (BIELSCHOWSKY, 2004). É importante frisar que o conceito "centro-periferia" é fundamental na teoria da CEPAL sendo "empregado para descrever o processo de difusão do progresso técnico na economia mundial e para explicar a distribuição de seus ganhos" (BIELSCHOWSKY, 2004, p.16).

Esse enquadramento da América Latina como conjunto de "países periféricos" também está presente em Cardoso e Faletto (s/d, p.25), que pelo intercruzamento entre economia e sociologia concluem que "a especificidade histórica da situação de subdesenvolvimento nasce precisamente da relação entre sociedades periféricas e centrais". Outra referência é Pierre Salama em *Pobreza e exploração do trabalho na América Latina* (1999). Ao descrever o fenômeno de deslocamento geográfico, que sob a perspectiva da geografia econômica[5] busca compreender o processo de localização-deslocalização de empresas, que advindas dos países do centro se instalam na América Latina, esse economista é categoricamente enfático ao nomear o espaço latino-americano como o conjunto de "países C", ou seja, de economias periféricas com menor nível de desenvolvimento. Em outra assertiva, Salama (1999, p.21) conclui que as fronteiras "só afirmam que, se forem satisfeitas várias condições, existe uma possibilidade de harmonização entre países grandes e pequenos". Aqui a expressões "grande" e "pequeno" englobam a dimensão dos mercados no centro e na periferia (SALAMA, 1999) resultante da diferenciação do desenvolvimento entre países com base no processo de deslocamento geográfico de indústrias.

O economista chileno Jaime Osorio (*Apud,* SADER; SANTOS, 2009) argumenta que o capitalismo latino-americano pode alcançar uma forma mais civilizada do que aquela que se apresenta na região. A "região" é o ponto referencial onde reside nas palavras de Jaime Osorio as "barbaridades do capitalismo", suas "deformações" e "estágios". Em seu texto *Dependência e superexploração da força de trabalho no desenvolvimento periférico*, o economista brasileiro Marcelo Dias Carcanholo (*Apud*, SADER; SANTOS, 2009, p.251) salienta que o entendimento que se tem de economia periférica é "aquele país,

[5] Para Salama (1999), a geografia econômica busca explicar o desenvolvimento e as causas do surgimento de pólos de crescimento em certas regiões e a desertificação de outras.

ou região, que apresenta, em geral, instáveis trajetórias de crescimento", portanto, sua situação econômica é expressa por neologismos como "economias subdesenvolvidas"; "em vias de desenvolvimento"; "periféricas"; "mercados emergentes". Com isso, podemos observar que as expressões "país" e "região" confundem-se pela sua situação econômica e os neologismos que os caracterizam.

2.2. Sistemas discursivos e poder: a construção da região alicerçada na identidade. Algumas considerações.

O conceito "centro-periferia" e as alusões apontadas nas seções anteriores se fundamentam em métodos específicos de abordagem que partindo de critérios classificatórios empreendem a análise de dados empíricos que se manifestam na realidade. Além desse rigor metodológico, esses neologismos se orientam numa História latino-americana que tem como principal desfecho a dominação exercida pelas "nações alheias", que para muitos teóricos é a explicação para os incessantes dilemas latino-americanos. Sendo uma variedade de expressões linguísticas, essas alusões têm como plano de fundo um panorama de inferioridade e submissão que se transparece nos relatos e interpretações, aqui apresentadas, e certamente, um de seus efeitos, talvez o mais perspicaz, é produzir em nosso imaginário a região latino-americana a partir de indícios que se apresentam sob uma perspectiva da identidade.

Primeiramente, sabemos que enquanto instrumento metodológico para a análise da realidade, o conceito de região, de acordo com Janaína Amado (*Apud*, SILVA, 1990, p.8), é definido como "categoria espacial que expressa uma especificidade, uma singularidade, dentro de uma totalidade". Tal conceito, segundo essa autora, oferece várias opções de análise, pois sendo proposto principalmente por geógrafos, procura a apreensão das contradições geradas pelo modo de agir dos homens ao decorrer da História, em um determinado espaço – que se constitui como fruto de trabalho humano e da forma de relacionamento entre o homem e a natureza. Para Tarcísio Vanderlinde (*Apud*, MOTTA, 2005), embora o conceito de região traga uma infinidade de significações, o seu sentido histórico e político preponderam fortemente diante dos conceitos relacionados à localização ou extensão. Conforme esse autor (*Apud*, MOTTA, 2005, p.392), região pode "estar associada à idéia de um espaço complexo de relações sociais, políticas, econômicas e culturais, construído historicamente, modelado por situações, debates e conflitos".

Dessa forma, pode se dizer, então, que região, ao mesmo tempo que se constitui como um espaço geográfico onde se manifesta um contexto de relações e organizações sociais, ela serve tanto para delimitar esse espaço "a região da América Latina", "a região dos países periféricos", como também serve como recurso da linguagem - um sinal, uma marca – que se remete para a presença do referente, uma unidade federativa, ou nação (SILVA, 2004). Essa marca pode estar representada pelas expressões, denotações que

nos permitem referirmos a uma nação: os recortes bibliográficos apresentados nas seções anteriores nos mostram que a América Latina é evocada pela variedade de expressões lingüísticas – "periferia", "países subdesenvolvidos", "Novo Mundo", "Terceiro Mundo", etc.

Essa variedade de termos lingüísticos não só representam critérios classificatórios, como também se assumem como reafirmações identitárias. O binômio "centro-periferia" é uma evidência sobre a forma em que a economia serve-se de ferramentas da linguagem para reafirmar a diferença entre o desenvolvimento econômico dos países de "capitalismo avançado" – cujas características são escolhidas e avaliadas positivamente – e o desenvolvimento da América Latina cuja identidade é concebida de forma negativa e, portanto, podemos considerar que é nessa ênfase para a diferença que ocorre a reciprocidade entre região e identidade.

Qual é a identidade da América Latina enquanto região? Embora não haja uma definição precisa de identidade, Silva (2004, p.82) conclui que "a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora". Subentende-se, então, que a região latino-americana é o "lugar comum" eleita por um sistema discursivo e simbólico, as reafirmações identitárias aqui apresentadas, que buscam afirmar a diferenciação (identidade e diferença) entre sociedades (SILVA, 2004). No caso de países, essa diferenciação ocorre no uso de conceitos como "centro-periferia" onde há a presença de poder que atribui uma identidade subalterna ao segundo, que se justifica pelo atraso das estruturas produtivas, com base nas características contempladas do primeiro – o avanço tecnológico. "Centro" e "periferia" além de serem sistemas discursivos, são marcas da presença do poder: incluir/excluir (estes pertencem, aqueles não); demarcar fronteiras (nós e eles) e classificar (desenvolvidos e primitivos) (SILVA, 2004).

Para Mignolo (2003, p.454) "centro e periferia são metáforas dúplices que dizem mais sobre os *loci* da enunciação do que sobre a ontologia do mundo". Se a enunciação é afirmação de algo, então "Novo Mundo", "Terceiro Mundo", "países periféricos", "nações latino-americanas", "países subdesenvolvidos" etc. são demarcações que se anunciam no imaginário de historiadores, sociólogos, filósofos e economistas que se alicerçam, sobretudo, numa História latino-americana que tem como principal desfecho o conflito e a dominação, para interpretar a região América Latina a partir da diferenciação e a oposição entre fronteiras. Esses pensadores cumprem a função de agentes que afirmam ou negam essas oposições (MIGNOLO, 2003), delineando o contraste entre "nós" e "eles" contribuindo para a consubstanciação de uma negatividade autêntica que evidencia uma relativa inferioridade e atraso.

Referências

AMADO, J. História e Região: reconhecendo e reconstruindo espaços. In: SILVA, M. A. (org). **República em migallhas:** história regional e local. São Paulo: Marco Zero, 1990.

BIELSCHOWSKY, R. **Pensamento econômico brasileiro:** o ciclo ideológico do desenvolvimentismo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

BIELSCHOWSKY, R. (Comp.). **Sesenta años de la CEPAL:** textos seleccionados del decenio 1998-2008. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2010.

CARCANHOLO, M. D. Dependência e superexploração da força de trabalho no desenvolvimento periférico. In: SADER, E. ; SANTOS, T. **A América Latina e os desafios da globalização:** ensaios dedicados a Ruy Mauro Marini. São Paulo: Boitempo, 2009.

CARDOSO, F. H.; FALETTO, E. **Dependência e desenvolvimento na América Latina:** ensaio de interpretação sociológica. 7ª ed. Rio de Janeiro: LTC, s/d.

DONGHI, T. H. **História da América Latina.** Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Ciclo do Livro, s/d.

FERNANDES, F. **Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina.** São Paulo: Global, 2009.

GALEANO, E. **As veias abertas da América Latina.** Tradução de Sérgio Faraco. Porto Alegre, RS: L&PM, 2010.

MAGNOLI, D. **O corpo da pátria:** imaginação geográfica e política externa no Brasil (1808-1912). São Paulo: Moderna, 1997.

MAHN-LOT, M. **A descoberta da América.** Tradução de Cecília Bonomine. Perspectiva: São Paulo, 1984.

MÉSZÁROS, I. **Para além do capital.** Em direção a uma teoria da transição. Tradução de Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo, 2002.

MIGNOLO, W. D. **Histórias Locais/Projetos Globais:** colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2003.

MOTTA, M. (org). **Dicionário da terra.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

OSORIO, J. Dependência e superexploração. In: SADER, E. ; SANTOS, T. (orgs). **A América Latina e os desafios da globalização:** ensaios dedicados a Ruy Mauro Marini. São Paulo: Boitempo, 2009.

PRADO, M. L. **A formação das nações latino-americanas.** Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 1987.

ROUSSEAU, J.J. **Emílio ou da educação.** Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SALAMA, P. **Pobreza e exploração do trabalho na América Latina.** Tradução de Emir Sader. São Paulo: Boitempo, 1999.

SILVA, T. T. (org). **Identidade e diferença.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.